

## A DOCTRINA DO BIG STICK E A AMÉRICA LATINA: A RECEPÇÃO NA ARGENTINA

Adelar Heinsfeld – Doutor em História. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo - UPF

O primeiro antecedente para a formação de um sistema interamericano foi a Doutrina Monroe, proposta em 1823 pelo presidente James Monroe. Esta doutrina que ficou conhecida pela frase de efeito “*A América para os americanos*”, foi no dizer de Joseph Thorndike Jr, “*talvez o maior trabalho geopolítico dos tempos modernos.*”<sup>1</sup>

O **Corolário Roosevelt** à Doutrina Monroe preconiza a não intervenção em si, mas reclama este direito para os EUA, para garantir os interesses da civilização americana. Em seu discurso ao Congresso Nacional, em 06 de dezembro de 1904, Theodoro Roosevelt expressa os fundamentos do que ficou conhecida como a política do “Big Stick”:

Cualquier país cuyo pueblo se conduzca bien, puede contar con nuestra sincera amistad. Si una nación muestra, que sabe como actuar con eficiencia y decencia razonables en los asuntos oficiales y políticos, si mantiene el orden y satisface sus compromisos, no necesita temer la intervención de los Estados Unidos. La mala conducta crónica ó la impotencia que trae por resultado el desligamiento general de los lazos de la sociedad civilizada, puede al fin obligar, en América, lo mismo que en otras partes, á la intervención de alguna Nación Civilizada, y en el Hemisferio Occidental, la adhesión de Estados Unidos a la **Doctrina Monroe** puede obligar á los Estados Unidos, por repugnante que sea, en casos flagrantes de tal mala conducta ó impotencia, al ejercicio de la fuerza de policía internacional.<sup>2</sup>

Esta nova interpretação da Doutrina de Monroe é fruto da aplicação das idéias geopolíticas de Alfred Mahan, para quem os EUA, na afirmação do poder internacional, não poderiam permitir que qualquer outra potência continuasse a manter a América Latina sob sua órbita de influência.<sup>3</sup>

O Brasil, desde meados do século XIX buscou uma aproximação com os EUA. Na Argentina, a atitude brasileira foi acompanhada com muita atenção, pois as relações deste país com os EUA durante o século XIX foram controversas, desde o momento da emancipação das Províncias Unidas do Prata.<sup>4</sup>

A Argentina, por razões comerciais, via nos EUA um rival. Um dos mentores da política externa argentina, Juan Bautista Alberdi (1810-1884), assinalava que os maiores inimigos das nações hispano-americanas não estavam na Europa: EUA e Brasil. Afirmava Alberdi: “*la doctrina de Monroe [...] puede convenir al egoísmo de los Estados Unidos, pero que sería mortal a los estados sud-americanos, llamados a desarrollar su independencia y su civilización con la cooperación de la Europa.*”<sup>5</sup> Era taxativo: “*La doctrina de Monroe es bárbara: es el sistema colonial restablecido en provecho de los Estados Unidos.*”<sup>6</sup> Para ele, a doutrina de Monroe teve por objetivo impedir a Europa de dificultar aos EUA absorver o México, e que na América do Sul tinha como finalidade “*impedir a la Europa que estorbe al*

*Brasil absorberse los pedazos de la América antes española de su vecindad.*<sup>7</sup> Por isso, Alberdi acreditava que somente por uma *"credulidad imbecil puede la América española aceptar como favorable a ella la doctrina de Monroe"*.<sup>8</sup>

Os EUA, desde a década de 1880, pretendiam criar uma comunidade comercial com os demais países americanos e este foi o principal objetivo da Primeira Conferência Pan-Americana, realizada em Washington, entre 1889 e 1890. Nesta Conferência aparece a resistência dos diplomatas de Buenos Aires em aceitar a hegemonia norte-americana sobre todo o continente, fundamentada na Doutrina Monroe, cabendo destaque à Roque Sáenz Peña, que no dizer de Thomas Macgann, *"fue el antagonista más terrible de los Estados Unidos que hubo en la Argentina,"*<sup>9</sup> e que se opôs às propostas hegemônicas do governo norte-americano. Sáenz Peña deixou claro que *"no carezco de afecto o amor por América, pero carezco de ingratitud o desconfianza hacia Europa."* Por isso, contrapôs ao lema *"A América para os Americanos"* a afirmação *"Sea América para la humanidad"*.<sup>10</sup> Assim, Saénz Peña marcou o posicionamento de toda uma geração e seu lema foi utilizado muitas vezes, posteriormente, na Argentina. Arthur Whitaker afirmou que faltou a Sáenz Peña agregar: *"y Gran Bretaña, nuestro financiero, nuestro mejor cliente y nuestro vigilante"*.<sup>11</sup> Raul Satas aponta outro grande responsável pela atitude argentina frente aos EUA: *"fue llevada a cabo acremente por el hombre que mejor ha ocupado la cancillería argentina a lo largo de toda su historia: Estanislao S. Zeballos."*<sup>12</sup>

A posição argentina contrária aos interesses norte-americanos, demonstrada na Primeira Conferência Pan-Americana, teria influenciado o presidente Grover Cleveland a votar favoravelmente ao Brasil, no arbitramento internacional da Questão de Palmas - ou de Misiones.<sup>13</sup>

As relações Argentina-EUA no período de 1880 até a Primeira Guerra Mundial são classificadas por Miguel Angel Scenna como *"Tiempo de la Desconfianza"*.<sup>14</sup> Neste período não se visualiza na Argentina uma posição definida diante do Monroísmo. Na realidade, a discussão acontecia mais em função das atitudes tomadas pela chancelaria brasileira.

Após a publicação do Corolário Roosevelt, **El Diario** mostrou-se alarmado com a amplitude que o Presidente Roosevelt estava dando à doutrina de Monroe. Defendia que a Argentina precisava precaver-se e dotar o Rio da Prata com um sistema de baterias flutuantes circulares,<sup>15</sup> para poder defender-se de possíveis tentativas de intervenção. Para **La Prensa**, as repúblicas sul-americanas não estavam ameaçadas pelo imperialismo europeu. Assim, *"en ese concepto, la protección que les ofrece el presidente de los Estados Unidos, absolutamente oficiosa, no es autorizada por ningún peligro; es extemporanea."* Alegava que as nações sul-americanas *"en forma alguna adhieren à la doctrina de Monroe, ni mucho menos à la de Roosevelt."* Desta forma, diante do direito internacional, não existiria este

poder intervencionista.<sup>16</sup> Para **La Prensa**, Roosevelt incorria em grave erro: “*su política ilegítima, de un imperialismo sabido, no es de amistad, de paz, tutelar de la integridad política que lisongea con sus palabras.*” Partia do princípio de que a América do Sul não solicitou a proteção dos EUA para conservar sua independência política e a sua integridade territorial, nem que tenha sido consultada para a proclamação do novo princípio monroísta, “*transformando en un protectorado deprimente de la integridad política, la defensa de ocasión, ofrecida por Monroe.*” Por isso, questionava: “*¿de dónde saca el señor Roosevelt la misión que se atribuye y el consiguiente poder de intervención, de protectorado, definido en sus discursos?*”<sup>17</sup>

Na campanha contra o “Big Stick”, **La Prensa** defende que os governos dos países da América do Sul deveriam debatê-lo, para não aceitar em silêncio a posição de inferioridade colocada pelo governo dos EUA. “*El protectorado imperialista así caracterizado reposa sobre la desintegración política de los pueblos independientes que abarca.*” Aventava a possibilidade de que na Conferência Pan-americana do Rio de Janeiro (1906), o secretário de Estado norte-americano, Elihu Root tentaria fazer declarações tranquilizadoras, que “*eliminen por completo la idea del protectorado imperialista.*”<sup>18</sup>

Durante os preparativos da Terceira Conferência Pan-americana, **La Prensa** afirmava que no transcorrer da mesma, “*Mr. Root pedirá al gobierno brasileño que vele por el mantenimiento de la doctrina de Monroe en el sur de este continente.*” Na opinião daquele periódico, o Brasil estaria disposto a assumir o papel de representante dos EUA na defesa da Doutrina de Monroe.<sup>19</sup> Diante desta perspectiva, **La Prensa** levanta a hipótese de a Argentina não participar da Conferência.<sup>20</sup> Para o diário porteño, “*Nuestra doctrina no es hostil à Europa. No pretendemos una coalización americana en daño del capital europeo.*”<sup>21</sup> Por isso advertia que “*Panamericanismo no es antieuropeísmo*” e que “*si en los Estados Unidos se sustentase el designio de dominar a Sud America, comercialmente por el halago y políticamente por un monroísmo de protectorado, diríamos á los que tal idea acariciasen que están en un craso error.*”<sup>22</sup> Toda esta discussão pela imprensa, levou o Ministro argentino em Washington, Epifanio Portela, a concluir que ela foi benéfica para o Brasil, e que levou “*á hacer creer que este Gobierno [dos EUA] había hecho en el del Brasil una virtual delegación del ‘big stick’.*”<sup>23</sup>

As críticas ferrenhas à política exterior norte-americana, capitaneada por **La Prensa** tinha uma razão de ser: a criação da Embaixada Brasileira em Washington. Para aquele periódico, isto era o eco distante “*de la edad monárquica del Brasil*” e não representaria os sentimentos de harmonia que deveriam vincular as nacionalidades da América Meridional, que “*se sentirían agraviadas por tal pretensión*” e que algumas demonstrariam seu desagrado “*y no aceptarían la posición de inferioridad en el cuerpo*

*diplomatico de Washington, determinada pela embajada brasileira.*<sup>24</sup> A criação da embaixada brasileira estaria provocando intranqüilidade nos países vizinhos.<sup>25</sup>

Até **La Nación**, tradicional partidário da amizade com o Brasil, atacava a aproximação entre Brasil e EUA. Com a política empreendida por Rio Branco na América do Sul “*se inicia una diplomacia imperialista, una hegemonia à compartirse entre el Brasil y Norte América, prestandose el primero a ser agente del segundo en sus ambiciones de dominio continental.*” A criação da Embaixada Brasileira em Washington “*es inútil y costosa fastuosidad diplomática.*” Através dela, o Brasil ficaria tutelado à diplomacia norte-americana e representaria um papel odioso e subalterno nesta parte do Continente.<sup>26</sup> Apesar de ter combatido a aproximação do Brasil com os EUA, em outro momento **La Nación** prega que “*nos conviene estrechar relaciones con el coloso del norte, compartir con él ese sentimiento de comunidad continental.*”<sup>27</sup>

A aproximação Brasil-EUA não era bem vista na Argentina por motivação econômica. A partir de abril de 1904, o Brasil reduziu em 20% as tarifas de importação de alguns produtos norte-americanos, notadamente a farinha de trigo.<sup>28</sup> Era uma forma de compensação ao maior comprador do café brasileiro, que o recebia livre de direitos em seus mercados.<sup>29</sup> Logo após a adoção daquela medida, **La Nación**, demonstra toda a preocupação com as conseqüências graves para a indústria molineira de seu país, pois o Brasil estaria “*protegiendo al producto rival con una rebaja excepcional, acto de favor que presenta al gobierno brasileño incitado por la influencia norteamericana para aplicar las tarifas con instrumento de hostilidad à nuestros productos de acuerdo con un plan sistemáticamente ensayado.*”<sup>30</sup>

O governo brasileiro argumentava que não estava prejudicando o comércio de farinha do país vizinho. Mas a imprensa portenha continuou a campanha para que o mesmo benefício fosse concedido também para a Argentina. **La Nación** dizia que o caso da farinha “*es uno de tantos accidentes que han resentido o perturbado nuestras buenas relaciones con ese país.*” Afirmava que “*la preferencia norteamericana no nos alarma mayormente. Tiene sus compensaciones, y para excluir nuestras harinas tendrá que asumir un caracter abierto y odiosamente agresivo, llegando, como há sucedido ya, hasta mortificar el sentimiento nacional.*”<sup>31</sup> **La Prensa**, embora grande concorrente do **La Nación**, no caso das farinhas, fazia coro a este último: “*Mientras nuestro gobierno se halagaba con el cuanto puesto que la Argentina ocupa en las importaciones del Brasil, este se entendia con los Estados Unidos para desalojar nuestras harinas.*”<sup>32</sup> Praticamente no final da gestão Rio Branco, **La Prensa**, abordando a mesma temática, afirmava que faziam dez anos que o Itamaraty hostilizava o comércio argentino com um objetivo definido: “*aislar á la República Argentina, de las naciones americanas.*” A concessão dos benefícios aduaneiros em favor dos EUA não seria espontânea, “*sino impuesto por el coloso americano.*”<sup>33</sup>

Zeballos, o maior crítico da política de Rio Branco, em várias oportunidades demonstrou seu posicionamento anti-EUA. Defendia a necessidade da existência de duas nações fortes, equilibradas sobre o Atlântico Austral, para contrapor o Imperialismo americano, que fossem capazes de, unidas, fazer frente a qualquer tentativa de agressão externa.<sup>34</sup>

Em 1904, momento em que o Brasil se aproximava da órbita de poder norte-americano, Zeballos destacava a posição argentina em relação aos EUA, quando afirmava categoricamente: "*Nosotros, al contrario, pertenecemos á la zona del concierto europeo. La Europa es nuestra amiga y nuestra vanguardia.*"<sup>35</sup>

O relacionamento Argentina-EUA era motivo de preocupação por parte de alguns diplomatas argentinos. De Berlim, o Ministro Plenipotenciário, Indalecio Gomes, respondendo à nota em que era manifesto o pensamento de "*estrechar tanto cuanto sea posible nuestras relaciones con Estados Unidos y su Gobierno*" afirmava que "*he creído prudente guardar reserva, por que tengo antecedentes para prever que esta política há de despertar recelos aquí [na Alemanha], en Austria y en las otras naciones europeas que mantienen activo comercio con nosotros.*"<sup>36</sup>

Mesmo após sua queda do Ministério das Relações Exteriores e Culto, Zeballos continuava a influenciar a posição argentina frente aos EUA.<sup>37</sup> Em 1913, por ocasião da visita do ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt, Zeballos deixa clara sua concepção da "*actitude Monroe*", entendida por ele não como um princípio de direito internacional, mas sim como uma ação política. Afirmava que a mesma foi uma salvaguarda para todos os povos da América e que naquele momento continuava sendo para "*las naciones desorganizadas, que todavía no cuentan con el respecto del mundo, ni tienen poder para imponerlo.*" Justificava assim as intervenções norte-americanas em países da América Central e Caribe, "*algunos de ellos inorgânicos, en constantes conflictos con Europa, que provocan frecuentes intervenciones militares.*" No entanto, em sua opinião, a "atitude Monroe" à medida que desce do Norte para o Sul perde seu significado e objetivo, até por que "*lo que ella vale en golfo do México, carece de valor en el Plata.*" O mais importante para Zeballos é que "*la república Argentina no será protegida por la 'actitud' Monroe, porque ha concluído su evolución civilizadora y es un país respetado y que sabe hacerse digno del respeto del mundo!*" Na mesma ocasião, Zeballos procura enfatizar a superioridade argentina no sub-continente. "*No tememos agresores a nuestro territorio, ni de Europa, ni de América, y no hay el menor peligro de que nuestra integridad soberana pueda ser amenazada por nación alguna!*" Como não havia riscos ameaçadores à Argentina, "*la 'actitud' Monroe, no es aplicable, pues, a nuestro país!*" Em função desta superioridade argentina, estava convicto que sua manifestação diante do responsável pela política do "Big Stick", que tornou a Doutrina de Monroe expansiva e intervencionista, "*es una declaración muy avanzada que por primera vez se hace a América y tendrá repercusión en todo el mundo.*" Zeballos fazia

um alerta ameaçador: *“La América del Sur no es el África, ni es el Asia; no vengais a buscar negros para dominarlos y hacerlos trabajar... aquí hay también naciones civilizadas y civilizadoras!”*<sup>38</sup>

Zeballos, ao mesmo tempo que defendia a não aplicação da Doutrina de Monroe à Argentina, salientava que *“nosotros cultivamos el panamericanismo.”* Isto não significava, porém, que a Argentina deveria destruir os laços tradicionais que unia o país à Europa, até por que *“¡La Europa ha amparado la cuna de la civilización argentina! Sus capitales han contribuido a afianzar nuestra independencia y a redimir nuestros desiertos! Sus inteligencias han sido nuestras guías en las escuelas y en las universidades.”* Demonstrava, no entanto, uma postura conciliadora entre o “Velho” e o “Novo” mundo: *“tenemos el deber de amar a la Europa, como amamos a los Estados Unidos.”*<sup>39</sup>

Segundo dados de 1907, 60% das exportações argentinas eram dirigidas à Europa. Naquele ano, dos 24.313 navios que serviram ao comércio internacional argentino, somente 314 serviram ao comércio com os EUA.<sup>40</sup> Em 1908 a Argentina exportou para os EUA um total de 13.023.238 pesos, e as importações atingiram 35.597.004 pesos. Em relação aos principais países da Europa, exportou um valor de 194.646.899 pesos e importou 209.257.650 pesos, sendo que destes valores, 78.324.723 e 79.337.1396, respectivamente, foi do comércio com a Inglaterra.<sup>41</sup>

Como o Brasil era aliado dos EUA, havia na Argentina quem visse a amizade com a Inglaterra numa perspectiva pragmática: *“La Argentina es francamente democrática, y felizmente prefiere la valiosísima amistad de la libre Inglaterra, amistad que há servido já en la solución de la cuestion con Chile, y que sería más útil aún en caso de conflicto con el Brasil.”* Segundo o articulista *“los intereses británicos en la Argentina son inmensos, y además la carne y el trigo argentinos, está sosteniendo á la nación británica.”*<sup>42</sup> O Brasil, por sua vez, antes de aliar-se aos EUA, deveria ter usado toda sua hábil diplomacia para trazer uma perfeita concórdia latino-americana. Porém *“otra há sido su labor y creemos que se arrependerá de ella con el andar del tiempo. A Estados Unidos se le há mostrado la anarquía de América, no su fuerza de cohesión y unión.”* Com a ajuda da diplomacia brasileira, a Doutrina de Monroe não tardaria a mostrar sua outra faceta: *“la paz para América á costo de intervenciones y dictados de la cancilleria de Washington.”*<sup>43</sup>

Quando o Secretário de Estado Elihu Root decidiu participar da Terceira Conferência Pan-americana, **El Diario** diz que sua presença *“buscando formar alianzas que representaran siempre protectorados de la gran república sobre los pequeños estados de Sud America, puede llegar à representar un verdadero peligro para la soberania é independencia de estos gobiernos, aun cuando la integridad territorial no está amenazada.”*<sup>44</sup> Para este jornal, Root era o estadista mais preparado dos Estados Unidos e *“aquél cuyas ideas imperialistas han sido mas extremas.”*<sup>45</sup>

Durante a Terceira Conferência, **La Nación** publica uma entrevista com Rio Branco, que causou sensação na Argentina. Sobre a intervenção norte-americana, ocorrida em países da América Central, Rio Branco argumenta que os países que não sabem governar-se, que não conseguem evitar as continuas revoluções e guerras civis, que se sucedem sem interrupção, não têm razão de existir e devem ceder seu lugar a outra nação mais forte, melhor organizada, mais progressista.<sup>46</sup> Embora Rio Branco tenha desmentido as declarações publicadas, elas foram admitidas como verdadeiras pela opinião pública argentina. Um discurso semelhante ao de Rio Branco foi utilizado pelo proprietário do **La Nación**, o deputado Emilio Mitre, dando as boas vindas a Elihu Root, quando este visitou a Argentina: *“Fuerza es también convenir qué si hay un país que no sea imperialista ese país es los Estados Unidos.”* Ressaltou a importância dos EUA e da Doutrina de Monroe para a América do Sul, bem como também defendeu a intervenção norte-americana na América Central.<sup>47</sup>

Apesar da recepção oficial e dos artigos elogiosos por parte da imprensa portenha, a visita de Root não teve o entusiasmo popular que se esperava. O representante brasileiro em Buenos Aires comunicou que a população argentina *“chegou até, como tive ocasião de presenciar, a vaiar e apedrejar ao representante da grande República do Norte.”*<sup>48</sup>

As relações entre Argentina e EUA ficaram um pouco mais deterioradas com a Conferência Internacional de Paz em Haya. Para **El Diario**, aos EUA não interessava qualquer tentativa que diminuísse o prestígio da Doutrina de Monroe *“cuya influencia tiende á exagerar su protectorado su imperialismo.”*<sup>49</sup> Logo após a Conferência de Haya, houve queixas que nos EUA estavam sendo publicados centenas de artigos contra a República Argentina, ao mesmo tempo *“prestigiando al Brasil y dando tono á su embajada.”*<sup>50</sup>

Alguns setores da imprensa portenha viam com indiferença as relações com os Estados Unidos, advindas da Doutrina de Monroe. **La Argentina**, por exemplo, acreditava que de todos os países sul-americanos, o que exibia maior garantia contra agressões de alguma potência era a Argentina, para quem *“le es indiferente el principio contenido en la doctrina Monroe, y que su acción ó inacción no presta ni quita un átomo á la seguridad y tranquilo desenvolvimiento de su vida nacional.”*<sup>51</sup>

A forma como a política do “Big Stick” foi recepcionada na Argentina denota o posicionamento comercial e diplomático do país. A recepção negativa da doutrina deveu-se a dois fatores: a Argentina disputava com os EUA o mercado internacional de alguns produtos agropecuários. Por outro lado, a aproximação diplomática brasileira em relação aos EUA e a conseqüente recepção positiva no Brasil daquela doutrina, deixavam claro para a diplomacia e para a opinião pública argentina que o Brasil procurava utilizar a doutrina do “Big Stick” para conseguir uma projeção continental.

- 
- <sup>1</sup> THORNDIKE JR, Joseph J. “Geopolítica”. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, Ano I, nº 6, set. 1943, p. 22.
- <sup>2</sup> AMREC (Archivo del Ministerio de las Relaciones Exteriores y Culto). Nota 103 – da Legação Argentina em Washington, 07.12.1904.
- <sup>3</sup> MAHAN, A. T. **Retrospect & Prospect: suties in International Naval and Political**. London: Sampson Low, Maston & Company, 1902, p. 51.
- <sup>4</sup> ORSI, René. **James Monroe contra la Independencia Argentina**. Buenos Aires: Peña Lillo Editor, 1983.
- <sup>5</sup> ALBERDI, Juan Bautista. **La Doctrina de Monroe y la America Espanhola**. Buenos Aires: Nuevo Meridión, 1987, p. 95.
- <sup>6</sup> *Ibid*, p. 108.
- <sup>7</sup> *Ibid*, p. 109.
- <sup>8</sup> *Ibid*, p. 117.
- <sup>9</sup> McGANN, Thomas. **Argentina, Estados Unidos y el Sistema Interamericano: 1880-1914**. Buenos Aires: Eudeba, 1960, p. 341.
- <sup>10</sup> Apud McGANN, op. cit, p. 237.
- <sup>11</sup> WHITAKER, Arthur. **La Argentina y los Estados Unidos**. Buenos Aires: Proceso, 1956, pág. 114.
- <sup>12</sup> SATAS, SATAS, Hugo Raúl. **Una Política Exterior Argentina: comercio exterior e ideas en sus orígenes y consolidación: 1862- 1914**. Buenos Aires: Hispamerica, 1987, p. 160.
- <sup>13</sup> Veja-se, por exemplo, ETCHEPAREBORDA, Roberto. **História de las Relaciones Internacionales Argentinas**. Buenos Aires: PLEAMAR, 1978, p. 36.
- <sup>14</sup> SCENNA, Miguel Angel. **Cómo Fueron las Relaciones Argentino-norteamericanas**. Buenos Aires: Editorial Plus-Ultra, 1970, p. 72.
- <sup>15</sup> **El Diario**, 15.01.1905.
- <sup>16</sup> “La Doctrina de Roosevelt”. **La Prensa**, 15.08.1905.
- <sup>17</sup> “Doctrina de Monroe”, **La Prensa**, 17.08.1905.
- <sup>18</sup> **La Prensa**, 02.12.1905.
- <sup>19</sup> **La Prensa**, 25.03.1906.
- <sup>20</sup> **La Prensa**, 26.03.1906.
- <sup>21</sup> **La Prensa**, 20.04.1906.
- <sup>22</sup> “America y Europa”. **La Prensa**, 04.08.1906.
- <sup>23</sup> AMREC. Oficio - reservado - da Legação Argentina em Washington, 16.01.1909.
- <sup>24</sup> “El Brasil en el Continente”. **La Prensa**, 15.01.1905.
- <sup>25</sup> **La Prensa**, 02.02.1905.
- <sup>26</sup> “Proyectos Navales Brasileños”. **La Nación**, 19.01.1905.
- <sup>27</sup> **La Nación**, 08.03.1905.
- <sup>28</sup> AMREC. Telegrama da Legação Argentina no Rio de Janeiro, 14.04.1904.
- <sup>29</sup> “Mensaje Presidencial”. In: Anais do Senado Federal. Rio de Janeiro, Sessão de 23.07.1904.
- <sup>30</sup> **La Nación**, 29.04.1904.
- <sup>31</sup> “El comercio Brasileño-argentino”. **La Nación**, 11.07.1906.
- <sup>32</sup> **La Prensa**, 16.07.1906.
- <sup>33</sup> “Los Estados Unidos entre la Argentina y el Brasil”. **La Prensa**, 29.01.1911.
- <sup>34</sup> ZEBALLOS, E. S. “Campos Salles”. **Revista de Derecho, Historia y Letras**. Buenos Aires, Año III, T. 8, Nov. 1900, p. 145-146.
- <sup>35</sup> ZEBALLOS, E. S. “Política Internacional”. **Revista de Derecho, Historia y Letras**. Buenos Aires, Año VII, T. 22, p. 601.
- <sup>36</sup> AMREC. Oficio 749 - confidencial - da Legação Argentina em Berlin, 26.10.1908.
- <sup>37</sup> Zeballos pediu demissão do Ministério das Relações Exteriores e Culto da Argentina a última vez em 16.06.1908, afastando-se em 21.06.1908.
- <sup>38</sup> ZEBALLOS, E. S. “Theodore Roosevelt y la Política Internacional Americana”. **Revista de Derecho, Historia y Letras**. Buenos Aires, Año XVI, T. 46, Dic. 1913, p. 564-569. (Discurso proferido na Universidade de Buenos Aires, em 10.11.1913, quando da visita do ex-presidente norte-americano, Theodore Roosevelt.)
- <sup>39</sup> *Ibid*, p. 572-573.
- <sup>40</sup> Dados informados por Ernesto Nelson, na **Revista de Derecho, Historia y Letras**. Citado por SATAS, op. cit., p. 191.
- <sup>41</sup> “Nuestro Comercio Exterior en el año pasado”. **La Argentina**, 10.02.1909.
- <sup>42</sup> TAMINI, Luis B. “Corta memoria sobre los medios de llegar pacíficamente á la reconstrucción del Virreinato” **Revista de Derecho, Historia y Letras**, Buenos Aires, año XII, T. 33, ago. de 1909, p. 316-317.
- <sup>43</sup> FRÍAS, Alberto Nin. “La Política Continental de América”. **Revista de Derecho, Historia y Letras**. Buenos Aires, Año IX, T. 25, sept. 1906, p. 272.
- <sup>44</sup> **El Diario**, 04.12.1905.
- <sup>45</sup> **El Diario**, 17.01.1906.
- <sup>46</sup> **La Nación**, 26.07.1906.
- <sup>47</sup> **La Nación**, 20.08.1905 (Discurso proferido em 30.07.1906).
- <sup>48</sup> AHI. Ofício da Legação Brasileira em Buenos Aires, 17.08.1906.
- Sem maiores detalhes, informa que no banquete oficial oferecido a Root, em 14 de agosto, os discursos pronunciados *“foram completamente abafados pelos estridentes lamentos de um gato que se achava suspenso no lustre principal.”*

<sup>49</sup> “Fracasos Alarmistas”. **El Diario**, 22.10.1908.

<sup>50</sup> “Rio Branco y la Prensa de Rio de La Plata - Métodos de propaganda hostil à la República Argentina”. **El Sarmiento**, 07.08.1908.

<sup>51</sup> “Perspectiva Sudamericanas”. **La Argentina**, 11.12.1909.